



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

História

História de Vida

Tags

- [cidades](#)
- [telecomunicações](#)

História completa

PESSOAL

Nome e nascimento Meu nome é Romilda Rodrigues Resende. Nasci em 18 de dezembro de 1943, em Conceição das Alagoas, Minas Gerais. Pais Meu pai é José Florentino Rodrigues e minha mãe, Maria Rodrigues de Lima. O papai era lavrador e a mamãe era telefonista rural. A mamãe era telefonista rural na Estiva, que era uma fazenda onde se localizava esse telefone rural. Depois, quando a mamãe veio a falecer, eu ocupei o lugar dela. A mamãe trabalhava direto nesse local. Era tipo um telefone rural, tipo um PABX. Esse posto funcionava assim: ela atendia os assinantes, os fazendeiros. Eles chamavam, e a mamãe completava a ligação para as cidades. Interurbano, por exemplo, para São Paulo, para Uberaba, ela completava as chamadas. Como se fosse uma central telefônica. Naquele tempo, era aquele telefoninho que usava manivelinha. As ligações eram muito difíceis. Para conseguir uma ligação para São Paulo, nessa época, a gente pedia um interurbano de manhã para conseguir falar à noite. Mas ela gostava muito. Gostava tanto que trabalhou até se aposentar. Não chegou a se aposentar, porque, no ano em que ela ia se aposentar, ela faleceu. Aí, eu peguei o lugar dela. O papai também morava na Estiva, ele cuidava da lavoura. Então, papai trabalhava no campo e a mamãe no telefone. Avós Eu conheci só os meus avós por parte de mãe. Os nomes deles são José Pacheco de Lima e Cândida Maria de Lima. Os meus avós paternos são Francisco e Ana. Os meus avós por parte da mamãe são de Luz. E, por parte do papai, são de Conquista. Eles eram lavradores. O meu avô era proprietário da Fazenda Estiva. Irmãos Nós somos em dez irmãos. Eu sou a sexta. Casamento Eu conheci o meu marido em Uberaba. Nós nos casamos em 1966. O nome dele é Dalvo Teles Resende, ele é lavrador. O meu filho mais velho, Renato César Resende, tem uma microempresa de telecomunicações em Uberlândia. O Enilberto trabalha na Engeset. O Kleber trabalha com o meu genro, com informática. E eu e a minha filha, a Sibeles, nós trabalhamos juntas com confecção. Casa de Infância Era uma casa que não era muito grande, tinha três quartos, sala, cozinha e um quintal grande. No quintal tinha laranjeira, mangueira, inclusive, essas mangueiras estão lá até hoje. De vez em quando, eu vou visitar para matar a saudade. Primeira infância A mamãe trabalhava lá na Estiva e nós ficávamos em Uberaba, estudávamos aqui. A minha avó ficava conosco. Não tínhamos muito tempo para nos divertir, a mamãe não deixava. A mamãe era muito rígida, a gente tinha que estudar o tempo todo. De uma escola saía para outra, e aí se a gente faltasse. Lá do local dela ela sabia. Sabia os passos da gente. Da Estiva a Uberaba não era muito longe, mas ela ficava sempre lá, porque ela trabalhava lá. Aos finais de semana a gente ia para lá. Ficava doidinho para chegar o final de semana e ir para junto da mamãe. Ela nos controlava pelo telefone. Ela sabia os passinhos da gente direitinho. Nós tínhamos telefone na casa e a gente se falava. Mas, para falar francamente, a gente não tinha muito tempo de brincar nessa época. A gente tinha que sair da escola, e ela preenchia o tempo da gente. A gente não tinha tempo de brincar. Cada um tinha a sua obrigação. A mamãe ficava na Estiva, que era o local de trabalho dela, e nós ficávamos aqui com a vovó. E cada um tinha que fazer a sua obrigação, era dividida a obrigação. Não tinha empregada. A minha avó dividia: "Fulano, vai fazer isto". Um cozinhava, o outro lavava a roupa, o outro passava, o outro arrumava a casa. Inclusive, eu tenho um irmão que é organizado até hoje. Você chega na casa dele, você acha que ele tem uma mulher dentro de casa, de tão organizado que ele é. Acho que é devido ao modo como que a gente foi tratado, criado. Eu preferia tomar conta da roupa. Eu não era muito de cozinha. Então, a minha irmã mais velha tomava conta da cozinha.

EDUCAÇÃO

Primeira escola Eu estudei no Colégio Nossa Senhora das Dores, quando pequena. Depois, eu fui para São Paulo com 17 anos, eu fiquei uma temporada em São Paulo. Depois, voltei novamente para Uberaba.

TRABALHO

Primeiro emprego A mamãe foi para São Paulo fazer um tratamento. Aí, eu ocupei o lugar dela, para ela ir fazer o tratamento. Foi nessa viagem para São Paulo que ela veio a falecer. Aí, eu fiquei no lugar dela. A mamãe, às vezes, em época de férias, a gente ia para lá no final de semana e ela ensinava a gente. Desde pequenininho a gente sabia trabalhar. Eu tinha uma fotografia tirada nesse aparelhinho, o primeiro aparelho em que eu trabalhei, em que a mamãe trabalhou. Era tipo um PABX quadradrinho. Então, quando a pessoa chamava, caía o número. Era de, deixa eu ver de quantos assinantes que era nessa época, era acho que uns 12. Caía o número, e a gente ligava aquele número que caía. A gente ligava o número e, naquele tempo, era manivelinha. Esses 12 assinantes usavam muito, não tinha horário para chamar. O único meio de comunicação por ali era esse centro. Às vezes, as pessoas chamavam à noite para caso de emergência. A maioria era fazenda de gado. Eu me dava muito bem com esses

assinantes. Quando demorava muito para completar uma ligação eles já entendiam. Por exemplo, se fosse um interurbano para São Paulo, eles pediam o interurbano de manhã para falar à noite. Era muito difícil naquela época. O fazendeiro ligava por linha física. Daqui para São Paulo, naquele tempo, era chamada ligação intercalada. Se São Paulo pedia duas ligações para cá, a gente falava: "Duas nossas e duas de São Paulo". Então, as ligações demoravam muito. Por exemplo, Uberaba tinha dez ligações para falar. Então, Uberaba completava uma, São Paulo, outra; Uberaba uma, São Paulo outra. Era assim. Isso para São Paulo, para Brasília, para todos. Quando, por exemplo, era pedida uma ligação lá, eu tinha que ligar para Uberaba. Uberaba é que completava a ligação para a gente, e que dava o tempo de demora. Era meio complicado. Esse foi o meu primeiro trabalho, eu fui contratada pela Etusa. Eu fiquei lá até 1976. Acho que foi anos 80, não me lembro bem.

CTBC

Tráfego Em 1970 eu vim para Uberaba. Esse centro na Estiva foi desativado e eu vim para Uberaba. Comecei a trabalhar no tráfego. Quando eu comecei trabalhar no tráfego, já tinha inaugurado o DDD. Quando eu vim da Estiva para cá, foi quando inaugurou o DDD. Ai, era fácil completar as chamadas. Eu trabalhava das 16 horas às 10 horas. Eu tinha um menino pequeno. A Rosa controlava o horário para mim. Se eu me lembro, eram umas 14 posições. Sempre era rodízio, mas como a gente tinha filho pequeno, a Rosa controlava o horário para a gente. A Rosa Cussi foi uma mãe que eu tive. A Rosa e a companhia. Eu tenho muito a agradecer à companhia. Tenho um amor muito grande, uma consideração muito grande por esta companhia. Foi um respeito, foi muito gratificante ter trabalhado nessa companhia. Eu trabalhei no tráfego até 1991, até eu me aposentar. Em 91 eu saí da CTBC, trabalhei 27 anos. Associados Eu diria que se começar a trabalhar na CTBC, tem que começar com garra. Porque a CTBC é uma companhia que eu só tenho o que agradecer. Que oferece coisas boas, segurança para a gente. Eu só tenho boas lembranças da CTBC. Só boas lembranças. A companhia sempre tratou a gente com respeito.

EMPRESAS

Fábrica de roupas É uma micro-fábrica que produz roupas em geral, para crianças e adultos. Ultimamente, eu eu pago facção. É melhor do que a gente ter funcionário. Eu corto e pago as pessoas de fora para confeccionarem. Essa pessoa que confecciona para mim é ótima. Você vê a qualidade. Eu vendo para essas cidades vizinhas. Eu tenho um representante que leva. Ele é muito exigente.

PESSOAS

Alexandrino Garcia Eu conheci o Sr. Alexandrino. A gente sempre o encontrava aqui em Uberaba. O meu primeiro encontro com o ele foi quando a mamãe trabalhava na Etusa). Eu vim com ela aqui em Uberaba, tinha uma reunião, e nós o encontramos aqui. Eu era pequena, nessa época. A primeira vez que eu o vi, ele era novo ainda. Ele era, não sei, não me lembro muito da fisionomia dele. Luiz Alberto Garcia Eu encontrava mais com o Luiz Alberto. Inclusive, quando eu fui à Pousada, ele estava lá. Ele vinha com frequência a Uberaba e conversava com a gente. Anita Cunha Campos Eu conheci a Dona Anita. Nossa Senhora, tem uma história muito bonita da Anita. Quando eu estava esperando a minha filha, eu, com aquela barrigona, vim receber aqui. Nessa época, a mamãe já tinha falecido, e eu morava no local onde a mamãe trabalhava, eu trabalhei uns tempos lá. Ai, eu cheguei aqui com aquela barrigona, e ela falou assim: "Já comprou o enxoval, Romilda, para a neném?". Eu falei: "Ainda não, Dona Anita, ainda não sobrou dinheiro para eu comprar o enxoval". E ela me ajudou a comprar o enxoval. A Anita era boa demais, muito boa. Nossa, a mamãe adorava a Anita. Chegava a época de fim de ano, ela sabia que nós éramos em dez irmãos, ela comprava uma lembrança, presentes para todos os irmãos e para a mamãe também. Era muito boa a Anita.

LOCALIDADES

Uberaba Uberaba era bem pequena, naquela época. As ruas, inclusive a rua em que eu morei, era de terra. Morei perto do Clube Uirapuru. Mamãe tinha uma chácara ali também, perto do Uirapuru. A gente morava ali, as ruas eram de terra.

MEMÓRIA

Futuro Eu não sei o que pode vir, mas só pode ser coisa melhor. A cada dia está melhorando mais. Sonhos Eu tenho um sonho a realizar: eu quero ir aos Estados Unidos, em Nova York, se Deus quiser. Centro de Memória Eu acho que foi importante para mim, porque eu estou passando essa imagem da empresa para frente e a minha também. O Weber sempre fala. Às vezes, eu falo assim com ele: "Ah, eu era da CTBC". E o Weber Pimenta responde: "Era, não. Você é da CTBC". Ele fala para mim. Eu trabalhei direto com ele muito tempo. Nossa, ele era ótimo, muito bom. Ele tratava a gente com respeito. Tenho saudade. Um abraço para todos os amigos, para o Weber e para o Dr. Luiz. Eu estou aqui, eu não me esqueço deles em hora nenhuma. Eu sempre me lembro deles nas minhas orações, que Deus dê muita luz para eles, que os ilumine. Obrigada.